

Eixo N° 8: A formação do analista e a relação com seu inconsciente

Formação, transformação, mutação

Coordenadores: Mónica Patricia Larrahondo (NELcf. Cali, Colombia) e Diego Tirado (NELcf. Cochabamba, Bolivia)

Integrantes: Raúl Aranciba (Santa Cruz, Bolívia), Andrés Bralic (Santiago, Chile), Jimena Contreras (Cochabamba, Bolívia), Paola Cornú (Santiago, Chile), Withney F. Ruiz (Tarija, Bolívia), Clara Holguín (Bogotá, Colômbia), Ana Ibañez (Guatemala), Nuris Martelo (Cali, Colômbia), Adolfo Ruiz (Medellín, Colômbia), Maite Russi (Caracas, Venezuela), Ricardo Torrejón (Tarija, Bolívia), Edgar Vázquez (CDMX, México).

A verdade é que Lacan, que dizia, ao contrário de Freud, que as análises terminam, lançou-nos, ao mesmo tempo, no caminho de uma formação que, para dizer o mínimo, é permanente: não tem fim¹.

Jacques-Alain Miller

Perguntar-se sobre a formação do analista nos tempos que correm é perguntar-se não apenas sobre o “mercado das formações”², mas também sobre a experiência do inconsciente daqueles que encarnam e se orientam pelo discurso analítico. Há psicanálise enquanto houver psicanalistas, e o futuro dela depende da existência deles. São eles que, com seu ato e com sua posição, fazem a psicanálise existir como uma opção de tratamento do mal-estar na civilização, sustentando um discurso que se diferencia dos outros. Miller afirma que “inúmeras feiras de formação exploram recursos do saber de ordem psicanalítica, sem por isso poderem garantir a qualidade de psicanalista a seus estudantes ou diplomados”³. Então, como fazer para que haja psicanalistas?

¹ Miller, J.-A., “Quem são seus psicanalistas?”, *In.: Como terminam as análises: paradoxos do passe*, Rio de Janeiro, Zahar, 2023, p. 412.

² Miller, J.-A., “Sobre a formação do analista”, *In.: Como terminam as análises: paradoxos do passe*, Rio de Janeiro, Zahar, 2023, p. 405.

³ *Ibid.*, pp. 405-406

Se de-formação do analista se trata, con-formar-se não basta

Advertido da possibilidade de que a terapêutica faça desaparecer a prática analítica, Freud estabelece para a formação do analista a aprendizagem da teoria, a supervisão da prática e a análise pessoal. A seu critério, “os representantes das várias ciências humanas [...] terão de aprender a conhecer a análise pela única via possível, submetendo-se a uma análise eles próprios”⁴. *Ergo*, começar a se analisar é começar a se formar?

Existem diferentes espaços onde se aprende a teoria psicanalítica; no entanto, adquirir o saber epistêmico não garante a qualidade de psicanalista, nem tampouco o faz o tempo que alguém leva exercendo sua prática. A experiência não supõe a expertise. Portanto, não é a formação teórica, mas também “não é analisando os outros que alguém se torna analista e sim analisando-se, analisando a si mesmo [...]”⁵.

O ensino da psicanálise concede, em alguns, conformidade quanto à aprendizagem adquirida; em outros, a conformidade está relacionada à forma, identificando-se com um modelo pré-estabelecido. No entanto, a singularidade de cada caso não se ajusta a nenhum formato nem a um tempo predeterminado. “A formação analítica é uma aprendizagem sobre a paciência [...] ter paciência é ter respeito ao real”⁶, e isso é algo que não se adquire no tempo cronológico dos programas de ensino, senão que está em relação com a experiência que, para cada um, se articula no tempo lógico de seu inconsciente e na elaboração sobre o ilegível do gozo do *parlêtre*.

Os analistas e as formações de seu inconsciente

Inicia-se a formação analítica por uma experiência única que é se psicanalisar, e nela se transmite um estilo singular e inimitável, que em sua unicidade produz contágio. Esta é a via privilegiada para a transmissão da psicanálise. Diz Lacan: “[...] a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo”⁷.

⁴ Freud, S., “A questão da análise leiga”, *Obras completas*, vol. 17, São Paulo, Companhia das Letras, 2014, p. 170.

⁵ Miller, J.-A., “Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI”, *Opção Lacaniana*, n. 55, p. 16.

⁶ Miller, J.-A., “Presentación del libro *El nacimiento del campo freudiano*”, Conversação via Zoom realizada em 10 de junho de 2023, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gAVcOuaUyYM&t=5754s>, Acessado em: 28/08/23.

⁷ Lacan, J., “A psicanálise e seu ensino”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 460.

Lacan comenta em *Sobre a experiência do passe*: “eu nunca falei em formação analítica, eu falei em formações do inconsciente”⁸, citação com a qual iniciamos no grupo da NELcf para investigar o tema que nos convoca: *a formação do analista e a relação com seu inconsciente*. Um lapso atravessou a temporalidade do grupo: ao invés de ler “a relação com seu inconsciente”, se escutava “a relação com o inconsciente”. Lapso que causou o trabalho em que a primeira coisa que saltou à vista é que ali ele não diz “não há formação do analista”, ele diz “nunca falei em formação analítica”. “A formação analítica” não é a mesma coisa que “a formação do analista”, pois a primeira supõe o ideal da boa forma e sua didática, enquanto a segunda implica uma deformação, o avesso da boa forma. O “efeito-de-formação” implica admitir “que não há automatismo da formação analítica. Não encontraremos um mecanismo; não o buscamos; abrimos espaço para a contingência”⁹. O que causa que alguém deseje se formar como analista? O que causa o desejo de Escola? As respostas apontam para a mutação subjetiva produzida na experiência analítica.

Formação... Transformação... Mutação

Lacan nunca falou de formação analítica, falou de formações do inconsciente; em um primeiro momento, dos sonhos, dos atos falhos, do sintoma, para depois introduzir o fracasso da Uma-equivocação, que encontra aquilo que itera e que resulta incurável. Uma análise implica “na conquista de um saber que está lá, antes que o saibamos”¹⁰; e nessa experiência, nessa conquista, pode ocorrer em alguns, mas não em todos, uma “mutação psíquica”, uma “transformação do ser do sujeito” a partir da qual se *alguém se torna* analista. Não se nasce psicanalista, também não se é; *alguém se torna* analista a partir da própria experiência. Nessa ordem de ideias, perguntamo-nos: De que mutação subjetiva se trata quando falamos da formação do analista?

Quando se trata do *tornar-se analista*, o suposto saber fazer do clínico desfalece. Se seguíssemos a perspectiva dos manuais psicodiagnósticos, dos protocolos de atendimento, desconheceria a existência do inconsciente. Neste *tornar-se* analista, e dado que ele se produz na própria análise, o analisante se des-identifica dos ideais do Outro e, com isso, do ideal de “ser clínico”. Miller dizia que “queremos analistas que sejam analisantes,

⁸ Lacan, J., “Sobre la experiencia del pase”, *¿Ornicar?*, n. 1, Barcelona, Ediciones Petrel, 1981, p. 37. Tradução livre.

⁹ Miller, J.-A., “Para introducir o efeito de formação”, *Como terminam as análises...*, *op. cit.*, p. 414.

¹⁰ Lacan, J., “Sobre la experiencia del pase”, *op. cit.*, p. 37.

analisantes perpétuos [...]”¹¹, que se questionem, que deem lugar à diferença absoluta, ao singular, ao novo. Desprender-se da clínica, desidentificar-se deste lugar, é admitir, mais uma vez, que a de-formação do analista de que se trata, con-formar-se na prática não basta; é preciso localizar as variáveis subjetivas que entram em jogo na mutação psíquica.

Nos testemunhos de passe encontramos como na experiência analítica a travessia da fantasia, a queda do Outro, a queda dos ideais, a mudança na relação com o saber, esclarece o ineliminável que itera, e onde nada resta senão consentir com um saber-fazer com isso, possibilitando o surgimento e a assunção de um desejo inédito. No testemunho de Paola Cornu é a partir do encontro, contingente, que se faz presente o confronto com o real, com a inexistência do Outro e da relação sexual. Constata-se a “travessia da fantasia, a destituição subjetiva, o des-ser no “soltar e deixar de cuidar e salvar o Outro”, permitindo a passagem, advir analista e obter a diferença absoluta”¹². Nela se dá a passagem da pressão que afoga à pre-ci-são tendo consequências na relação com o saber, com o Outro, com a Escola e na sua prática. Cai o “furor sarandi-salvandi-curandi e cuidandi”, onde o “sim, a todo”, dá “um giro para responder ao não-todo saber, transformado em um “sim, ao não-todo”¹³.

Na “Nota Italiana”, Lacan diz que “o analista só se autoriza de si mesmo”, e depois acrescenta: “Não-todo ser falante pode autorizar-se a produzir um analista. Prova disso é que a análise é necessária para tanto, mas não é suficiente. Somente o analista, ou seja, não qualquer um, autoriza-se apenas de si mesmo”¹⁴. Autoriza-se a partir dessa falha que é a *Une-bévue* onde a função do lapso, “formação do inconsciente, já não tem nenhum alcance de sentido ou interpretação”¹⁵. Para *tornar-se analista*, a análise é necessária, embora não suficiente, e nesse “não é suficiente” é onde a Escola pode ocupar um lugar.

O analista por vir: não sem a Escola e o Passe

Lacan funda a Escola como conjunto logicamente inconsistente que não responde, em termos universais, à questão do que é um analista, de modo que não é possível estabelecer

¹¹ Miller, J.-A., “Como alguém se torna analista”, *op. cit.*, p. 21.

¹² Cornu, P., “Hacer de la marca causa y consentimiento: pre-si-ción”, Texto apresentado em *Una cita con el pase*, realizado em 16 de outubro de 2022 na Guatemala, no marco das XII Jornadas da NELcf (inédito). Tradução livre.

¹³ Cornu, P., “Testimonio 1”, *Bitacora Lacaniana*, n. 9, Buenos Aires, Grama, 2021, p. 89. Tradução livre.

¹⁴ Lacan, J., “Nota Italiana”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 312.

¹⁵ Miller, J.-A., “El reverso del pase”, *El ultimísimo Lacan*, Buenos Aires, Paidós, 2013, p. 97. Tradução livre.

critérios de formação. Em vez disso, ele propôs o Passe como um dispositivo de investigação para a questão de como alguém se torna analista no percurso da sua própria análise. O testemunho de um AE tem valor de demonstração que só vale para um só, e “a ambição de Lacan era demonstrar à comunidade analítica [...] que a verdade da psicanálise permite reunir singularidades ligadas, não por um ideal, mas por uma transferência com a psicanálise [...]”¹⁶. O discurso analítico só procede um a um, e a questão é “como passar de *um a um a todos*? Como passar da experiência analítica [...], que ensina alguma coisa, tem resultados, ao ensino para todos?”¹⁷.

Cada um se relaciona com a Escola a partir do mestre de seu inconsciente, mas pode acontecer que em uma análise o Outro que cria seu inconsciente e com quem se relaciona, caia. Soltar-se do Outro ficcional, também do Outro transferencial, e enlaçar-se ao Outro Escola, é o que se constata em cada testemunho. Com o passe, Lacan põe em relação a *experiência analítica*, cujo pivô é a transferência, e a *experiência de Escola*, que consiste em uma transferência de trabalho com outros. Ambas as experiências pressupõem uma falta de saber incurável.

A Escola de Lacan bordeia “um não saber o que é o analista, mas sempre buscando sabê-lo”¹⁸, e como não existe um Outro que disponha deste saber, resta se colocar a trabalho para produzir “uma formação que, para dizer o mínimo, é permanente: não tem fim”¹⁹. Cada um faz a psicanálise ex-sistir a partir de sua ex-sistência, e “o saber que ex-siste no inconsciente só pode ser subjetivado por meio da transferência”²⁰.

Soltar-se do Outro, do amor de transferência, destituir o sujeito suposto saber deu passagem em Paola Cornu ao “desejo de saber colocado em ato na transferência de trabalho, ao trabalho na e pela Escola na experiência de Escola”²¹. Em vários testemunhos, a mutação subjetiva produzida na análise gera ondas na vida privada, na prática e na relação com a Escola. O amor ao saber se transforma em desejo de saber.

Alejandro Reinoso menciona que “o laço entre a formação que não há – poderíamos dizer – e a Escola, reside no fato de que esta última – a Escola – pela via da transferência e, conseqüentemente, por um certo consentimento, se transforme numa formação do

¹⁶ Laurent, E., “Política do passe e identificação dessegregativa”, *Opção lacaniana*, n. 82, 2020, p. 54.

¹⁷ Miller, J.-A., “La enseñanza del psicoanálisis”, *El banquete de los analistas*, Buenos Aires, Paidós, 2010, p. 171. Tradução Livre.

¹⁸ Serra, M., “Deseo de Escuela”, Disponível em: <https://deseo.jornadaselp.com/lineas-de-trabajo/deseo-de-escuela/>, Acesso em 26 ago. 2023. Tradução livre.

¹⁹ Miller, J.-A., “Quem são seus psicanalistas?”, *op. cit.*, p. 412.

²⁰ Miller, J.-A., “La enseñanza del psicoanálisis”, *op. cit.*, p. 172. Tradução livre.

²¹ Cornu, P., “Hacer de la marca causa y consentimiento: pre-si-ción”, *op. cit.*, Tradução livre.

inconsciente”²². A Escola é uma formação do inconsciente para quem tem desejo de se formar, o que quer dizer que não só faz parte de nossa vida cotidiana, mas também da nossa vida onírica, dos nossos atos falhos e de nosso sintoma. A Escola “faz parte e toca nosso programa de gozo [...]. Caso contrário não ficaríamos enlaçados libidinal e pulsionalmente”²³. E quando isso acontece, a Escola torna-se um parceiro-sintoma.

O “autorizar-se de si mesmo” não é um convite para que todo mundo se declare analista, senão que “foi feito para que uma Escola acolha a declaração do psicanalista a advir e a ponha à prova”²⁴, para que dê as razões pelas quais ele se tornou analista de sua própria experiência, e a partir daí apostar na Escola.

Marcela Almanza, no *Primeiro Testemunho*, ensina que ao final da análise um lapso indica-lhe sua aposta: ao enviar uma mensagem de texto, Marcela escreve “voy de pase”, omitindo o “o”. Em vez de *paseo*, ela escreveu *pase*²⁵. Para Marcela, colocar em ação o dispositivo do Passe supõe um ato de confiança, de consentimento e aposta.

Por fim, a nomeação de um AE aposta em despertar, implicar e causar o trabalho incessante de uma comunidade analítica pelo futuro da psicanálise. E deve responder ao fato de que “[...] a psicanálise constitui-se como didática pelo querer do sujeito, e que ele deve ser advertido de que a análise contestará esse querer, na medida mesma da aproximação do desejo que ele encerra”²⁶. Trata-se, então, do passe orientando a formação que não há, essa formação infinita. O desejo do analista é o que pode depurar-se deste querer iniciar com o qual muitos de nós batemos à porta da Escola; mas dito depuramento é possível e legível para cada um nas formações de seu inconsciente, decantadas na sua própria experiência analítica e nos singulares tropeços da Uma-equivocação.

Tradução: Verônica Paola Montenegro
Revisão: Ruth Jeunon,
Gustavo Ramos
Luis Francisco Camargo

²² Reinoso, A., "La Escuela y la formación del analista", *Conferência nas III Jornadas da NELcf- Guayaquil*, 24 set. 2022 (inédito). Tradução livre.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Miller, J.-A., “Quem são seus psicanalistas?”, *op. cit.*, p. 412.

²⁵ N. T.: Em português, seria algo entre “vou de passeio” e “vou de passe”.

²⁶ Lacan, J., “Ato de fundação”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 240.